

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : O Estado de S. Paulo

CLASS. : Garimpo 59

DATA : 10 2 92

PG. : 9

INCIDENTE NA FRONTEIRA

Brasileiros dominam o garimpo na Venezuela

VALDIR SANCHES

BOA VISTA — O sul da Venezuela não pode viver sem os garimpeiros brasileiros. Foram eles que na década de 40 entraram pelo norte de Roraima, abriram os primeiros garimpos, extrairam fortunas em diamantes, criaram empregos indiretos — tornaram-se, assim, responsáveis pelo desenvolvimento da região.

Não foram como clandestinos. Muitos levavam passaporte, com visto de entrada. Avançaram a partir de Boa Vista, vencendo o lavrado, a planície de savanas que recobre o norte do Estado e se estende Venezuela a dentro.

Só quase meio século depois, na década de 80, um outro tipo de garimpeiro — o de floresta — penetrou em território venezuelano pelo oeste de Roraima. Alguns anos antes, tinham sido expulsos dos garimpos de cassiterita de Rondônia. Agora, eram enxotados das reservas dos índios ianomâmis. Esses grupos invasores levavam atrás de si levadas de migrantes sem tradição garimpeira, originários de outros pontos do País. Juntos, somavam perto de 30 mil pessoas. Atravessavam com a cumplicidade da floresta uma incerta linha de fronteira estabelecida em 1859.

Dois histórias — São, portanto, duas histórias diferentes. Os garimpeiros da savana somam hoje 12 mil, pelos cálculos do líder sindical José Altino Machado. Números do governo venezuelano dizem que, no ano passado, esses brasileiros extraíram 15 das 18,3 toneladas de ouro produzidas no País e 70% dos 5,6 milhões de quilates de diamantes. Produzem US\$ 500 milhões anuais em divisas. Toda a economia interiorizada em áreas como os estados de Bolívar e Puerto Ayacucho, no Sul, advém dos melhores garimpeiros que deixaram o Brasil.

Os garimpeiros de floresta tiveram menos sorte. O sonho das riquezas do Surucucu, região montanhosa da fronteira oeste, espalhou-os por uma área ainda mais extensa, a Serra do Parima. Durante quatro anos, até 1990, eles extraíram dali uma fábula em ouro (12 toneladas, em 1988) e transformaram Boa Vista em

um novo eldorado. Só havia um pecado: estavam na área dos ianomâmis.

O presidente Fernando Collor expulsou-os da reserva indígena e destruiu as pistas de avião. Também extinguiu três áreas garimpeiras na região, criadas no fim do governo de José Sarney. Os garimpeiros vislumbraram um novo caminho: passaram à Venezuela. E os incidentes começaram.

Pingue-pongue — “A partir de então iniciou-se a operação pingue-pongue na fronteira indefinida”, diz José Altino. “A Polícia Federal dá uma raquetada, a bola vai para o lado de lá; a Guarda Nacional (a polícia militar venezuelana) dá outra raquetada, a bola volta para cá.”

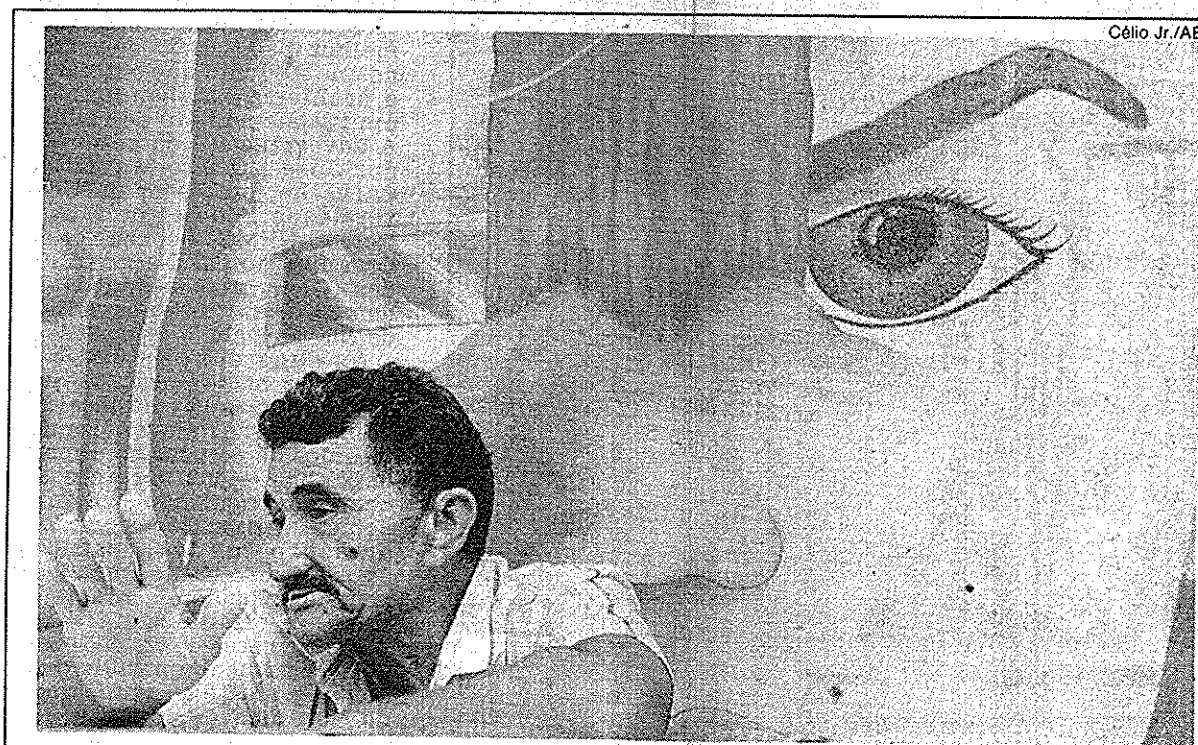
A última “raquetada”, no dia 16 de janeiro, derrubou o avião do piloto José Xavier de Mendonça, o Bié, com quatro garimpeiros. Todos sobreviveram à queda, como se sabe, mas Bié e o garimpeiro Moisés Ferreira sucubiram às balas da Guarda Nacional.

Estes fatos repercutiram na vida dos garimpeiros brasileiros da savana, que trabalhavam em paz. A Guarda Nacional percorreu alguns garimpos dali, prendeu 39 brasileiros e os encarcerou na cidade fronteiriça de Santa Elena, onde ainda estão. Hoje, poucos usam passaporte. Chegam a 80%, pelos cálculos de José Altino, os que ele chama de “imigrantes irregulares”. Ou seja, os que estão em situação ilegal.

“Quando acontece qualquer incidente na fronteira indefinida (oeste de Roraima), a Guarda Nacional prende brasileiros na fronteira definida (norte do Estado) para pressionar o governo brasileiro”, diz Altino.

As prisões desses ilegais não são incomuns e podem ter outros motivos — como a preocupação das autoridades venezuelanas com a ecologia. Há brasileiros que garimpam em lugares não autorizados para esse tipo de atividade. Mas os fatos provam que nossos patrícios — mesmo os ilegais — têm boas razões para merecer melhor tratamento que as celas a pão e água em que são trancafiados.

Em 1990, um deputado venezuelano apresentou ao Con-



Célio Jr./AE

Pedro, o caçador de diamantes

Com o viramundo às costas (um cipó com tiras, formando uma bolsa), Pedro de Oliveira Filho, o Brasa, partiu pela primeira vez para a Venezuela em 1946. “Tirei passaporte e o cônsul aqui em Boa Vista deu o visto de entrada”, conta. “Fui tantas vezes, que acabei ficando amigo dele.”

O consul definia o número de viajantes. Brasa foi numa leva pela estrada que corta o lavrado, a planície de savanas. Ingressou por Santa Elena, no sul da Venezuela. “Íamos a pé, de carro de boi, de canoa.” Abriram

os garimpos de diamante com nomes brasileiros ou venezuelanos.

“Os venezuelanos nos recebiam bem: vengam que tem diamante que rode.” Brasa, nos seus 73 anos e nove filhos, diz que esses homens procuravam mais os brasileiros do que os próprios patrícios. “Tinham mais confiança, achavam a gente mais honesto.” Hoje, ele tem um pequeno hotel em Boa Vista e um garimpo de diamantes na fronteira com a Guiana. “Na Venezuela baguncou muito, entrou muito clandestino, sem papéis”.

gresso Nacional um projeto garantindo exclusividade a cidadãos do país na exploração do subsolo. Os políticos do Sul, de estados como o de Bolívar, foram a Caracas protestar. Mostraram aos congressistas que apenas uma pequena porcentagem dos garimpeiros do sul é de venezuelanos.

Altino vai mais longe: diz que simplesmente não há venezuelanos garimpando. Os empregos indiretos, que mobilizam 4,2 pessoas para cada garimpeiro, é que estão todas nas mãos deles. “De alimentos, aviões, motores e prostitutas, dominam tudo, mas pe-

gar no peso da garimpagem, não pegam.”

Na fronteira oeste, na floresta, não há nada disso. Os precários acampamentos de garimpos — exclusivamente brasileiros — são abastecidos desde Boa Vista, por avião. As cozinheiras ganham em ouro para servir na mesa e muitas vezes na cama. “A gente sabe que corre perigo e que a Guarda Nacional pode aparecer de surpresa”, diz Odorício Ferreira Costa, 34 anos, três filhos, um dos garimpeiros que socorreram os ocupantes do avião do piloto Bié.

Se é perigoso, por que vão

para lá? “Eu estava parado desde o ano passado, quando a região dos ianomâmis foi fechada”, conta Costa. “A gente vive de garimpo, a área em que todo mundo trabalhava era essa — a dos índios — e todo mundo correu para a fronteira.” Ele diz que, ali, é difícil saber onde é Brasil, onde é Venezuela. Mas não é só para ele. O tratado de 1859 que definiu a fronteira estabeleceu que os rios que corresse para o Rio Orinoco indicariam território venezuelano; os que fluíssem para a calha do Rio Amazonas apontariam território brasileiro.

Rezek diz que Pérez pretende apurar os fatos

MANAUS — O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, afirmou que os governos do Brasil e da Venezuela estão chegando à mesma conclusão em relação à morte do piloto José Xavier de Mendonça e do garimpeiro Moisés Ferreira: os dois foram assassinados e o avião abatido pela guarda venezuelana. Rezek ressalvando sempre que os dados não são conclusivos, disse que o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, com quem esteve reunido ontem pela manhã, em Caracas, lhe assegurou que “os responsáveis pelo episódio serão punidos, pois o governo venezuelano quer apurar os fatos até o fim”.

O governo brasileiro recebe hoje novos relatórios sobre o incidente, além dos filmes e fitas realizados pelos legistas brasileiros durante a autópsia dos corpos do garimpeiro e do piloto mortos. Para o ministro Rezek, o problema dos garimpeiros brasileiros na fronteira venezuelana, “é diplomático, com aspectos policiais e precisa ser resolvido pelos dois países”.

Caso policial — O ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Armando Duran Ache, minimizou o problema, tratando-o como um mero caso policial. O chanceler venezuelano entende, entretanto, que “tanto Venezuela como o Brasil precisam trabalhar juntos, porque este assunto afeta os dois países”.

Francisco Rezek revelou que o governo brasileiro está conversando com as lideranças dos garimpeiros para tentar encontrar uma solução em relação à presença deles na fronteira. Um patrulhamento conjunto na região poderá ser realizado no futuro, dependendo de um acordo entre os dois países, para evitar incidentes diplomáticos.

Tentando se antecipar a essa hipótese, os ministros do Exército, general Carlos Tinoco, da Marinha, Mário Flores, e da Aeronáutica, Sócrates Monteiro, estiveram reunidos na quarta-feira no quartel-general do Exército, para traçar uma estratégia de desocupação da área.